COLETÂNEA DE POESIAS



Conhecimento e Transformação

Conhecimento e Transformação https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho

O Girassol

(Vinicius de Moraes)

Sempre que o sol
Pinta de anil
Todo o céu

O girassol
Fica um gentil
Carrossel.

Roda, roda, roda carrossel
Gira, gira, gira girassol

Redondinho como o céu
Amarelinho como o sol.



Passarinho fofoqueiro

(José Paulo Paes)

Um passarinho me contou

que a ostra é muito fechada,

que a cobra é muito enrolada,

que a arara é uma cabeça oca,

e que o leão marinho e a foca...

xô, passarinho! chega de fofoca!



O elefantinho

(Vinicius de Moraes)

Onde vais, elefantinho

Correndo pelo caminho

Assim tão desconsolado?

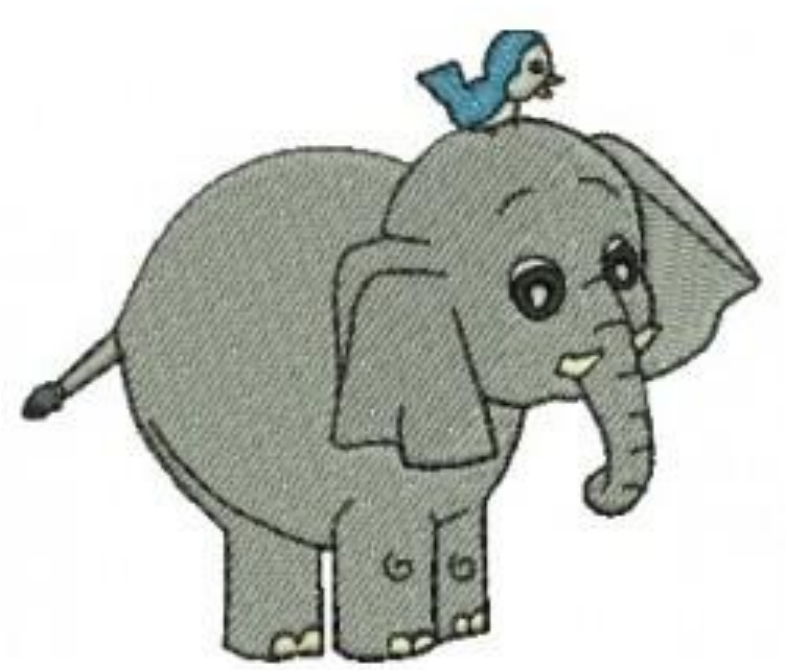
Andas perdido, bichinho

Espetaste o pé no espinho

Que sentes, pobre coitado?

– Estou com um medo danado

Encontrei um passarinho!

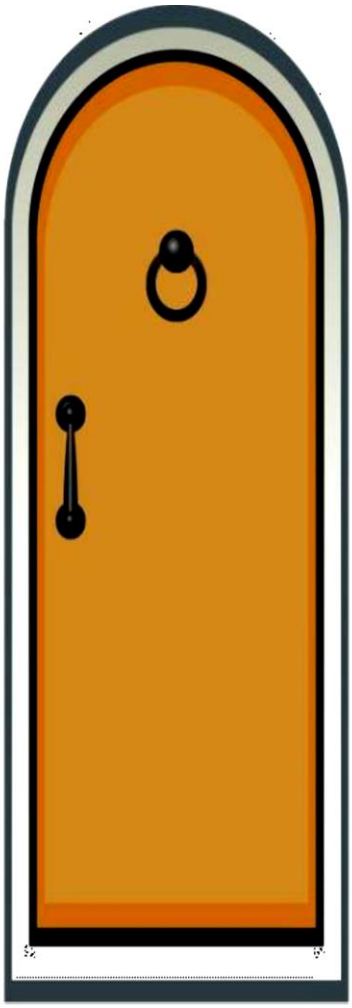


A Porta

(Vinicius de Moraes)

Sou feita de madeira

Madeira, matéria morta
Não há nada no mundo
Mais viva que uma porta.



Eu abro devagarinho

Pra passar o menininho
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado.

Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira

Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.

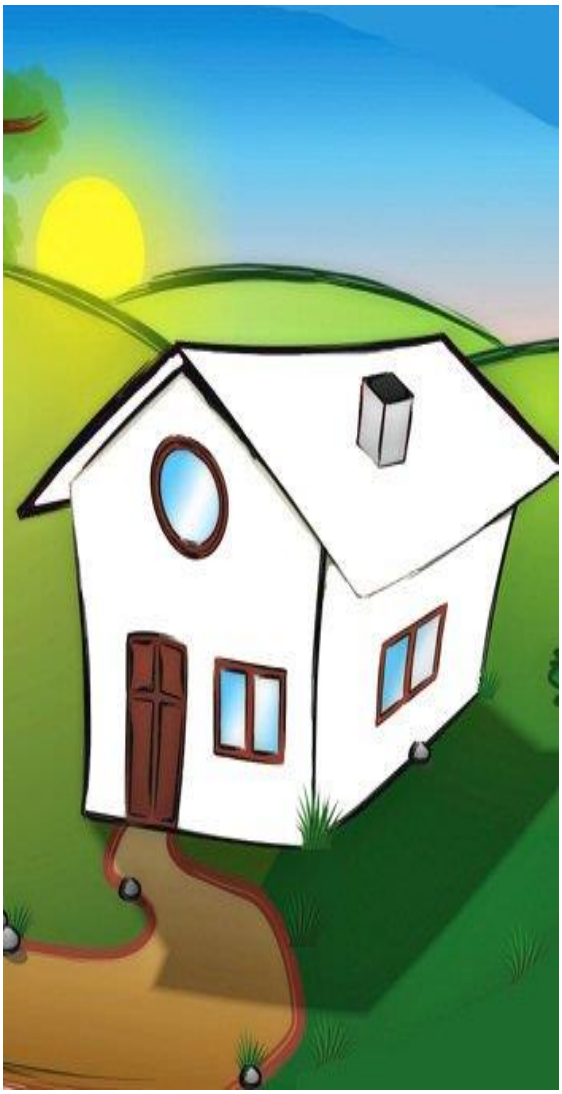
Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel

Eu fecho tudo no mundo
Só vivo aberta no céu!

A Casa

(Vinícius de Moraes)

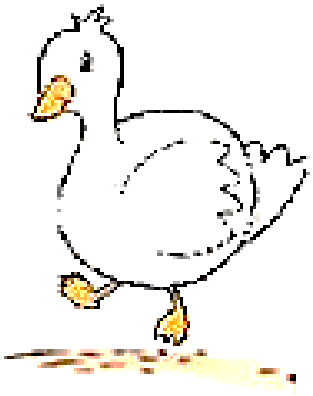
Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.



O Pato

(Toquinho e Vinicius de Moraes)

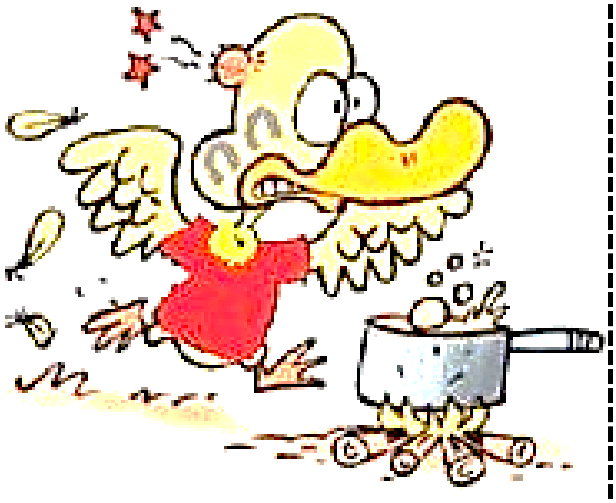
Lá vem o pato
Pata aqui, pata acolá
La vem o pato
Para ver o que é que há



O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo



Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.



O gato

(Vinícius de Moraes)

Com um lindo salto

Lesto e seguro

O gato passa

Do chão ao muro

Logo mudando

De opinião

Passa de novo

Do muro ao chão

E pega corre

Bem de mansinho

Atrás de um pobre

De um passarinho



Súbito, para como assombrado

Depois dispara pula de lado

E quando tudo

Se lhe fatiga

Toma o seu banho

Passando a língua

Pela barriga.

A Foca

(Vinícius de Moraes)

Quer ver a foca
Ficar feliz?

É por uma bola no
seu nariz.

Quer ver a foca
Bater palminha?

É dar a ela
uma
sardinha.

Quer ver a foca
Fazer uma briga?

É Espetar ela
Bem na barriga!



A galinha d’ Angola

(Vinícius de Moraes)

Coitada, coitadinha
Da galinha d’Angola
Não anda ultimamente
Regulando da bola.

Ela vende confusão
E compra briga
Gosta muito de fofoca
E adora intriga.

Fala tanto
Que parece que engoliu
uma matraca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca!
Tou fraca! Tou fraca!
Tou fraca!

Come tanto
Até ter dor de barriga
Ela é uma bagunceira
De uma figa.

Quando choca, cocoroca
Come milho e come caca
E vive reclamando
Que está fraca!

Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!



A Bailarina

(Cecília Meireles)

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.



Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e
para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os
bracinhos no ar e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e
um véu e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.

Ou isto ou aquilo

(Cecília Meireles)

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não
se possa estar ao mesmo
tempo nos dois lugares!



Ou guardo o dinheiro e não
compro o doce, ou compro o
doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo, ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Leilão de Jardim

(Cecília Meireles)

Quem me compra um jardim
Com flores?
Borboletas de muitas
cores, lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?

Quem me compra este caracol?
Quem me compra um raio
de sol?

Um lagarto entre o muro
e a hera, uma estátua da
Primavera?

Quem me compra este
formigueiro?
E este sapo, que é jardineiro?
E a cigarra e a sua
canção? E o grilinho dentro
do chão?

(Este é meu leilão!)



Tanta tinta

(Cecília Meireles)

Ah! Menina tonta,
toda suja de tinta
mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte,
muito desatenta...

E agora se espanta:
Quem é que a ponte
Pinta com tanta tinta?...)

A ponte aponta
e se desaponta.

A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
epinta por pinta...

Ah! A menina
tonta! Não viu a
tinta da ponte!



Eco

(Cecília Merireles)

O menino pergunta ao eco

Onde é que ele se esconde.

Mas o eco só responde: Onde? Onde?

O menino também lhe pede:

Eco, vem passear comigo!

Mas não sabe se o eco é amigo

ou inimigo. Pois só lhe ouve dizer: Migo!



Menino Azul

(Cecília Meireles)

O menino quer um burrinho

para passear.

Um burrinho manso,

que não corra nem pule,

mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho

que saiba dizer o nome dos

rios, das montanhas,

das flores — de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho

que saiba inventar histórias bonitas

com pessoas e bichos

e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo

que é como um jardim

apenas mais largo

e talvez mais comprido

e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,

pode escrever

para a Ruas das Casas,

Número das Portas,

ao Menino Azul que não sabe ler.)



Bolhas

(Cecília Meireles)

Olha a bolha d'água

no galho!

Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho

na rolha!

Olha a bolha!

Olha a bolha na mão

que trabalha!

Olha a bolha de sabão

na ponta da palha:

brilha, espelha

e se espalha

Olha a bolha!

Olha a bolha

que molha

a mão do menino:

A bolha da chuva da calha!



Para ir à Lua

(Cecília Meireles)

Enquanto não têm foguetes
para ir à Lua,
os meninos deslizam de
patinete pelas calçadas
da rua.



Vão cegos de velocidade:
mesmo que quebrem o
nariz, que grande
felicidade! Ser veloz é ser
feliz.

Ah! se pudessem ser
anjos de longas asas!
Mas são apenas
marmanjos!

Colar de Carolina

(Cecília Meireles)

Com seu colar de coral,

Carolina corre por entre
as colunas da colina.



O colar de Carolina

colore o colo de cal,

torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor

do colar de Carolina,

põe coroas de coral
Nas colunas da colina.

Mosquito escreve

(Cecília Meireles)

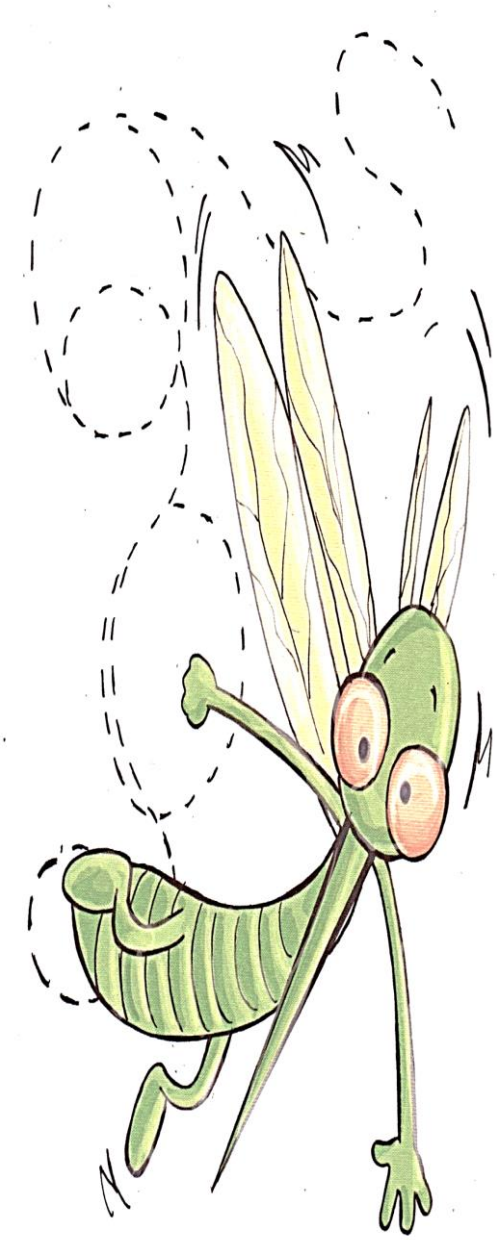
O mosquito pernilongo
trança as pernas, faz um M,
depois, treme, treme, treme,
faz um O bastante oblongo,
faz um S.

O mosquito sobe e desce.
Com artes que ninguém vê,
faz um Q, faz um U, e faz um I. Este mosquito esquisito
cruza as patas, faz um T.

E aí, se arredonda e faz outro O, mais bonito.

Oh!
Já não é analfabeto,
esse inseto,
pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar
alguém que possa picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?
E ele está com muita fome.



Caixa Mágica de Surpresa

(Elias José)



Um livro é uma beleza,

é caixa mágica só de surpresa.

Um livro parece mudo,
Mas nele a gente
descobre tudo.

Um livro tem asas
longas e leves
que, de repente,
levam a gente longe, longe

Um livro é parque de diversões
cheio de sonhos coloridos,
cheio de doces sortidos,
cheio de luzes e balões.

Um livro é uma floresta
com folhas e flores e bichos e cores.

É mesmo uma festa, um baú de
feiticeiro, um navio pirata do
mar, um foguete perdido no ar,

É amigo e companheiro.

Casa e o seu Dono

(Elias José)

Essa casa é de caco
Quem mora nela é o macaco.



Essa casa tão bonita
Quem mora nela é a cabrita.



Essa casa é de cimento
Quem mora nela é o jumento.



Essa casa é de telha
Quem mora nela é a abelha.



Essa casa é de lata
Quem mora nela é a barata.



Essa casa é elegante
Quem mora nela é o elefante.



E descobri de repente
Que não falei em casa de gente.



As Tias

(Elias José)

A tia Catarina
Cata a linha

A tia Teresa
Bota a mesa

A tia Ceição
Amassa o pão

A tia Lela
Espia a janela

A tia Cema
Teima que teima

A tia Maria
Dorme de dia

A tia Tininha
Faz rosquinha

A tia Marta
Corta batata

A tia Salima
Fecha a rima



Convite

(José Paulo Paes)

Poesia é brincar com palavras
como se brinca com bola,
papagaio, pião.

Só que bola, papagaio, pião
de tanto brincar se gastam.

As palavras não: quanto
mais se brinca com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia que é
sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?



Chatice

(José Paulo Paes)

Jacaré,

larga do meu pé!

Deixa de ser chato!

Se você tem fome,
então vê se come
só o meu sapato,

E larga do meu pé,
e volta pro seu mato,
jacaré.



Paraíso

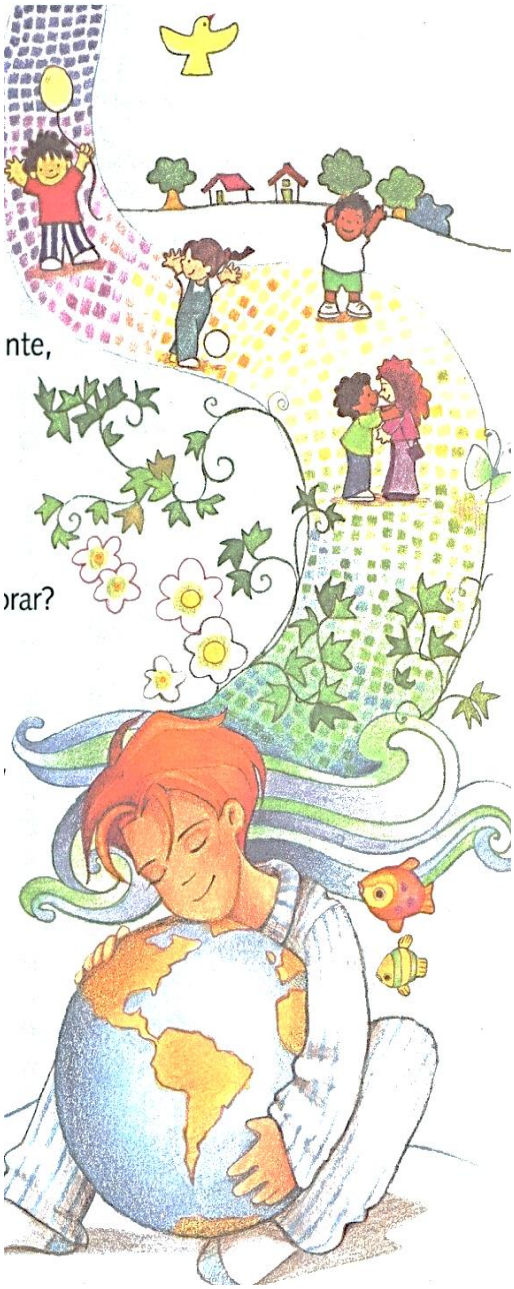
(José Paulo Paes)

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóveis matar
gente, mas para criança
brincar.

Se esta mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão
morar?

Se este rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.



Os três macacos

(Sérgio Caparelli)

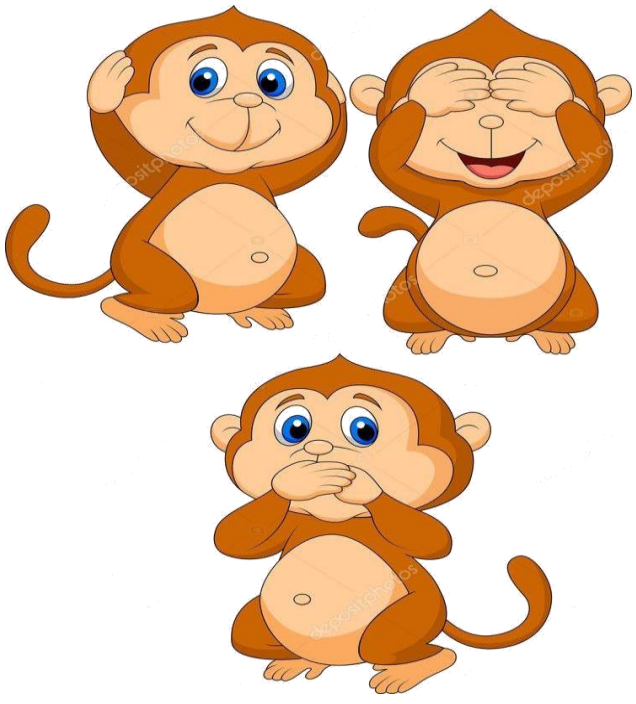
Os três macacos chegaram
E estão na sala sentados.

O primeiro macaco não vê
E tem um motivo, é cego.

O segundo macaco não escuta,
Não escuta, pois nasceu surdo.

Se quer ouvir o terceiro,
Desista, porque ele é mudo.

Na sala, estão que nem você,
Que não fala, não ouve e não vê.



Seu Lobo

(Sérgio Caparelli)

Seu lobo, por que esses olhos tão grandes?
Pra te ver, Chapeuzinho.

Seu lobo, pra que essas pernas tão grandes?
Pra correr atrás de ti, Chapeuzinho.

Seu lobo, por que esses braços tão fortes?
Pra te pegar, Chapeuzinho.

Seu lobo, pra que essas patas tão grandes?
Pra te apertar, Chapeuzinho.

Seu lobo, por que esse nariz tão grande?
Pra te cheirar, Chapeuzinho.

Seu lobo, por que essa boca tão grande?
Ah, deixa de ser enjoada, Chapeuzinho!



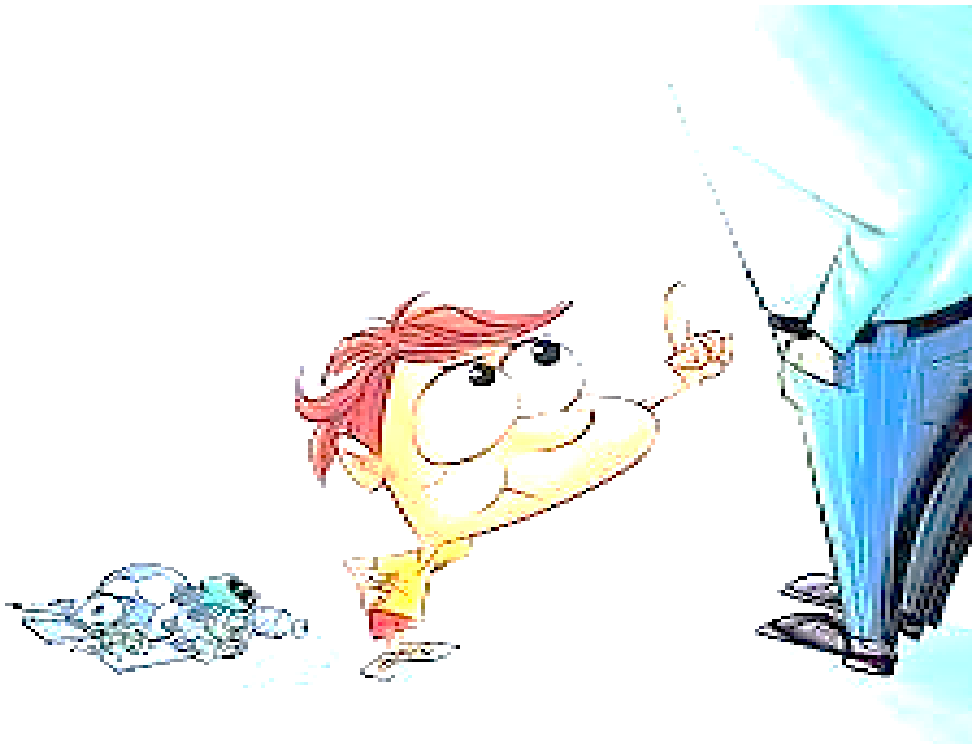
Por enquanto eu sou pequeno

(Pedro Bandeira)

Por enquanto sou pequeno,
mas vou aprender a ler:
já sei ler palavra inteira,
leio pra cima, e pra baixo,
e plantando bananeira!

Por enquanto sou pequeno,
uma coisa vou dizer,

com certeza e alegria:
sei que nunca vou esquecer
da beleza da poesia!



Pontinho de Vista

(Pedro Bandeira)

Eu sou pequeno, me dizem,

e eu fico muito zangado.

Tenho de olhar todo mundo

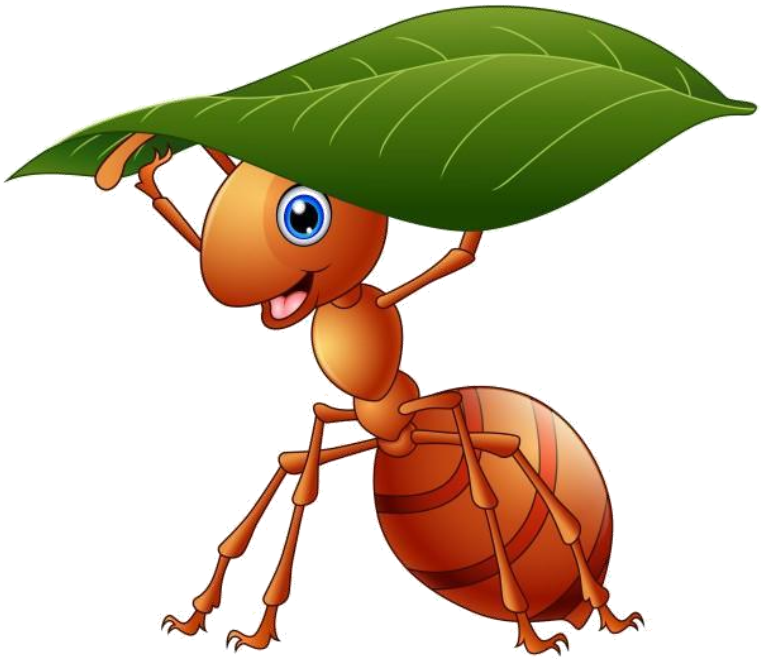
com o queixo levantado.

Mas, se formiga falasse

e me visse lá do chão,

ia dizer, com certeza:

— Minha nossa, que grandão!



Beija-flor

(Roseana Murray)

Beija-flor pequenininho

que beija a flor com carinho

me dá um pouco de amor,

que hoje estou tão sozinho...

Beija-flor pequenininho,

é certo que não sou flor,
mas eu quero um
beijinho que hoje estou
tão sozinho...



Boneca

(Olavo Bilac)

Deixando a bola e a peteca,
Com que inda há pouco brincavam,
Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.



Dizia a primeira: "É minha!"
— "É minha!" a outra gritava;

E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.



Quem mais sofria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.



Tanto puxavam por ela,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarela
Que lhe formava o recheio.



E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando a bola e a peteca,
Ambas por causa da briga,
Ficaram sem a boneca…

A Joaninha

(Elias José)

Com suas pretas pintinhas
e seu corpo de brasa acesa
é uma graça, uma beleza.
É a coisa mais fofinha
de toda a natureza.

Sabendo de sua beleza,
a Joaninha se olha no espelho
cheia de vaidade
e ajeita bem as pintinhas
como se fosse à cidade.



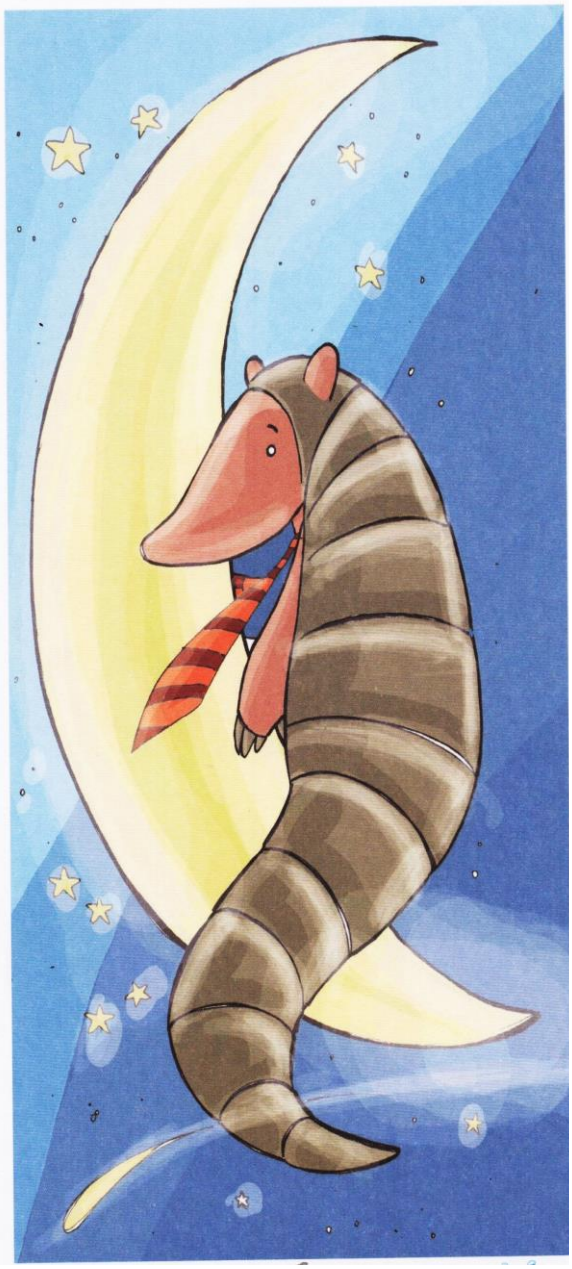
A Joaninha
tá gordinha,
mas dá gosto de ver,
dia e noite,
noite e dia,
não para de comer.

A Joaninha
só tem grande medo
quando vê um passarinho.
Pra se salvar, a Joaninha
também tem o seu segredo:
solta logo um cheirinho
que tonteia o passarinho.

O buraco do tatu

(Sérgio Caparelli)

O tatu cava um buraco
a procura de uma lebre,
quando sai pra se coçar,
já está em Porto Alegre.



O tatu cava um buraco,
e fura a terra com gana
quando sai pra respirar
já está em Copacabana.

O tatu cava um buraco
e retira a terra aos montes,
quando sai pra beber água
já está em Belo Horizonte.

O tatu cava um buraco
dia e noite, noite e dia,
quando sai pra descansar,
já está lá na Bahia.

O tatu cava um buraco,
tira a terra, muita terra,
quando sai por falta de ar,
já está na Inglaterra.

O tatu cava um buraco
e some dentro do chão,
quando sai pra respirar,
já está lá no Japão.

O tatu cava um buraco
com as garras muito fortes,
quando quer se refrescar
já está no Polo Norte.

O tatu cava um buraco
um buraco muito fundo,
quando sai pra descansar
já está no fim do mundo.

O tatu cava um buraco,
perde o fôlego, geme, sua,
quando quer voltar atrás,
leva um susto, está na lua.



MATERIAL GRATUITO

VISITE O BLOG PARA OBTER MAIS MATERIAIS COMO ESSE:

https://conhecimentosetransformacao.blogspot.com

VISITE A PÁGINA PARA FICAR POR DENTRO DAS NOVIDADES:

https://www.facebook.com/mayrafreitascarvalho